

ASPECTOS COGNITIVOS, LINGÜÍSTICOS E SOCIOCULTURAIS DA UNIDADE DE TRADUÇÃO (UT): UMA ABORDAGEM PLURISSISTÊMICA A PARTIR DE TRADUÇÕES DA LIBRAS PARA O PORTUGUÊS ESCRITO

Cognitive, linguistic and sociocultural aspects of the translation unit (TU): a plurisystemic approach based on translation from libras into written portuguese

DOI: 10.14393/LL63-v42-2026-37

Ruan Sousa Diniz^{1*}

Teresa Dias Carneiro^{2**}

RESUMO: Aqui se propõe a apresentar a condição e funcionamento da unidade de tradução (UT) numa perspectiva plurissistêmica, por meio de uma leitura cognitiva, linguística e sociocultural. Agregam-se as contribuições de Even-Zohar (2005), Bybee (2006) e Höder (2014). Tal como Toury (1995), assume-se a atividade tradutória como um fenômeno voltado ao sistema meta, o que implica em considerar o objetivo, função e encargo (Nord 1991, 2001; Reiss e Vermeer 1996). Além de uma revisão de literatura, a metodologia deste trabalho é qualitativa, exploratória, de cunho empírico e método indutivo. Os dados analisados foram retirados da TV INES. Os resultados sugerem que: (i) considerar a UT por um viés plurissistêmico contribui para análises e prática de traduções e (ii) a frequência de ocorrência e a posição que determinada construção ocupa no sistema tradutório, não são, a priori, equivalentes.

PALAVRAS-CHAVE: Unidade de Tradução (UT). Polissistemas. Tradução. Cognição. Gramática de Construções.

ABSTRACT: The aim here is to present the condition and functioning of the translation unit (TU) from a plurisystemic perspective, through a cognitive, linguistic and sociocultural reading. It draws on the contributions of Even-Zohar (2005), Bybee (2006) and Höder (2014). Like Toury (1995), the translation activity is assumed to be a phenomenon focused on the meta-system, which implies considering the goal, function and task (Nord 1991, 2001; Reiss and Vermeer 1996). In addition to a literature review, the methodology of this work is qualitative, exploratory, empirical and inductive. The data analyzed was taken from the TV INES. The results suggest that: (i) considering TU from a plurisystemic perspective contributes to analysis and practice of translations and (ii) the frequency of occurrence and the position that a given construction occupies in the translation system are not, a priori, equivalent.

KEYWORDS: Translation Unit (TU); Polysystems; Translation, Cognition. Construction Grammar.

¹ Doutorando em Estudos da Linguagem/Tradução. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). ORCID: 0000-0002-5042-7016. E-mail para contato: dinizruan.sousaATgmail.com

² Doutora em Estudos da Linguagem/Tradução. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). ORCID: 0000-0002-9774-1176. E-mail para contato: teresadcanheiroATgmail.com

1 Introdução

Os “Estudos da Tradução” apresentam-se como uma disciplina consiliente³, visto sua natureza interdisciplinar. Deste modo, para além da atividade linguística em si, os Estudos da Tradução são atravessados por questões culturais, identitárias, políticas, ideológicas, entre outras. Nesse sentido, as temáticas que compõem este campo, desde as mais essencialistas - como equivalência e fidelidade -, às mais aplicadas, podem ser investigadas sob uma ótica interdisciplinar.

A unidade de tradução (doravante, UT) é um dos assuntos dos Estudos da Tradução sobre o qual diversos autores se debruçam(ram), a fim de apontar possíveis caminhos para a prática tradutória. Tendo isso em vista, o presente trabalho se propõe a apresentar a condição e funcionamento da unidade de tradução (UT) numa perspectiva plurissistêmica, por meio de uma leitura cognitiva, linguística e sociocultural.

De antemão, destaca-se a especificidade do contexto de produção deste trabalho: o par linguístico aqui envolvido é libras-português e as análises partem das legendas de programas da extinta TV INES. Isto é, o conteúdo dos vídeos era produzido em libras e traduzido para o português brasileiro (PB) na modalidade escrita. O espaço destinado a essa tradução é o das legendas.

A pergunta motivadora desta investigação é: por que um tradutor e/ou intérprete de libras-português (doravante, TILP) produz sentenças no texto traduzido, que não, necessariamente, seriam utilizadas por ele numa situação de uso espontâneo da língua? Além do objetivo geral supracitado, apresentam-se dois objetivos específicos: (i) evidenciar a tradução como um sistema oriundo da relação entre os sistemas linguagem, cognição e sociedade e (ii) por meio de uma releitura da proposta de Even-Zohar, situar a unidade de tradução (UT) como um subsistema do polissistema tradução.

O pressuposto que permeia esta investigação é: por meio dos dados aqui analisados, no sistema tradutório (e suas interfaces), há uma maior tendência daquilo que é mais periférico, de apresentar diferenças em relação às expectativas da cultura meta. Isto quer dizer que a UT apresenta caráter heterogêneo, dinâmico e flexível, assim como qualquer

³ Consiliência pode ser entendida como a ideia de unir diferentes ramos do conhecimento. Esse conceito foi empregado por Chesterman (2007) e será melhor desenvolvido ao longo deste trabalho.

sistema. Logo, o emprego de uma UT varia de acordo com o esforço cognitivo para o recrutamento de itens na atividade tradutória.

O referencial teórico aqui adotado agrega teóricos das diversas áreas dos Estudos da Linguagem. Para dar conta do conceito de sistema, somam-se as contribuições de Even-Zohar (2005) - com os conceitos de polissistema, centro e periferia -, Goldberg (1995), Bybee (2006) - com a ideia de construção gramatical e atuação de processos cognitivos de domínio geral - e Höder (2014) - com as contribuições acerca de diassistema, idioconstruções e diaconstruções. Tal como Toury (1995), assume-se aqui a atividade tradutória como um fenômeno voltado ao sistema meta, o que implica em considerar o objetivo, função e encargo da tradução (Nord, 1991, 2001; Reiss e Vermeer, 1996).

Esta investigação também assume o tradutor como o centro de todo processo, tal qual apregoadado pela Sociologia da Tradução proposta por Chesterman (2007, 2009), assim como a noção de consiliência disciplinar. Por fim, há uma revisão sistemática sobre o conceito de UT, a partir de Vinay e Darbelnet (1958, 1995), Toury (1980, 1995), Bennet (1994) Malmkjaer (1998), Alves e Gonçalves (2003), Livbjerg e Mees (2003) e Diniz (2022).

A concepção plurissistêmica de UT assume a tradução como um sistema oriundo dos sistemas sociocultural, linguagem e cognição e a UT como um subsistema do polissistema tradução. Nessa conjuntura, a UT é analisada por meio de: (i) estrutura linguística, que abarca esquematicidade, produtividade e composicionalidade; (ii) processos cognitivos de domínio geral; (iii) especificidade ou compartilhamento de construções do *constructicon* multilíngue do tradutor e (iv) centro, periferia e tensão nesse subsistema. Além de uma considerável revisão de literatura, a metodologia deste trabalho é qualitativa, exploratória, de cunho empírico e método indutivo. Os dados analisados foram retirados das legendas de programas da extinta TV INES.

2 Pressupostos teóricos

Antes de adentrar na base teórica que sustenta a concepção plurissistêmica da UT, apresenta-se, no quadro abaixo, alguns conceitos acerca da UT, focalizando no nível frasal:

Quadro 1: Concepções acerca da Unidade de Tradução.

Concepções acerca da Unidade de Tradução		
AUTOR	ANO	DEFINIÇÃO
Vinay e Darbelnet	1958, 1995	Segmento indissociável.
Toury	1980, 1995	Pares acoplados
Bennet	1994	Átomo de tradução
Malmkjaer	1998	Foco de tradução
		Segmento mapeado
Alves e Gonçalves	2003	Segmento em transformação
Livbjerg e Mees	2003	Quebra no fluxo de tradução
Diniz	2022	Construção gramatical

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Esse quadro indica que, nos Estudos da Tradução, a UT é conceituada e entendida sob várias óticas, a depender do enfoque dado por cada autor. Não se pretende desenvolver cada uma dessas acepções neste trabalho; pode-se consultar esta revisão no trabalho de Baker e Saldanha (2009)⁴ ou Diniz (2022)⁵. Acerca do posicionamento deste último, será melhor explicitado nos parágrafos a seguir, ao definir a língua como um sistema.

A UT numa concepção plurissistêmica tem como gênese as multifaces da ideia de sistema. O termo “plurissistêmico” é utilizado ao longo deste trabalho, exclusivamente, como um qualificador do sintagma “unidade de tradução”. Esta opção é uma tentativa de abarcar os distintos usos de “sistema”, visto sua condição polissêmica.

Para isso, adota-se, primária e teoricamente, a Teoria dos Polissistemas proposta por Itamar Even-Zohar, entre os anos de 1969 e 1970. Even-Zohar (1990) apresenta “sistema” como algo dinâmico, aberto, heterogêneo e com uniformidades diversas e flexíveis. Por isso, por uma convenção terminológica, o autor considera mais apropriada a adoção de “polissistema”, a fim de evitar a falsa ideia de um “monossistema”, o que raramente seria possível identificar.

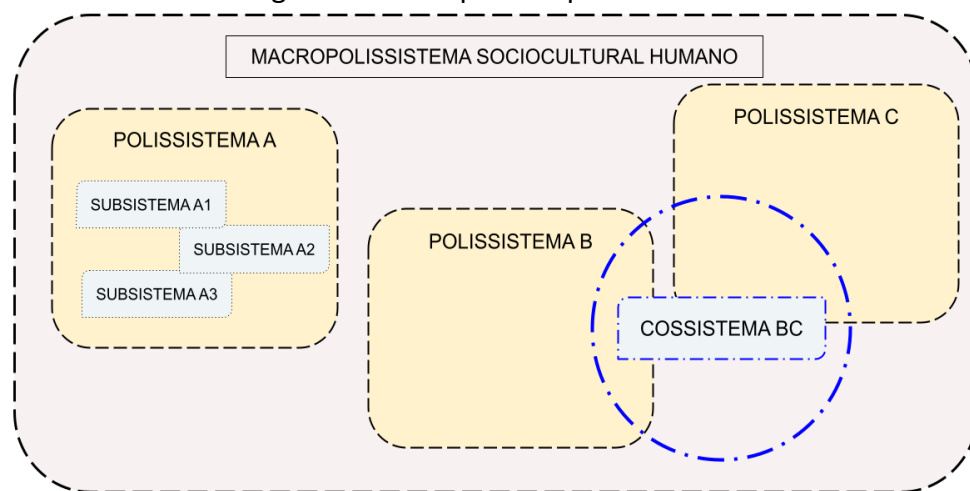
⁴ A extensão desses conceitos podem ser lidas no verbete *Translation Unit*, da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2009).

⁵ As mesmas definições são estendidas em Diniz (2022) em sua dissertação de mestrado.

Isto posto, pode-se definir polissistema como um sistema que é múltiplo, composto por vários outros sistemas, que apresenta cruzamentos e sobreposições intersistêmicos e que se apropria de diferentes opções concorrentes. Contudo, apresenta-se como um todo estruturado, cujos elementos que o compõe são interdependentes (Even-Zohar, 1990).

Diante disso, polissistema e sistema são termos sinônimos. A opção pelo primeiro item indica que há relações hierárquicas, horizontais, verticais e entre sistemas. Por questões didáticas e de delimitação terminológica, ainda baseado em Even-Zohar (1990), emprega-se nesta investigação a seguinte hierarquia: (i) macropolissistema, para se referir ao elo simbólico mais absoluto e abstrato que circunscreve a condição humana em termos socioculturais, isto é, o conjunto de todas as manifestações culturais nas mais diversas sociedades do mundo; (ii) polissistemas, diz respeito aos sistemas que configuram as sociedades humanas; (iii) subsistemas, são as divisões de um polissistema e (iv) cossistemas, são (sub)sistemas que se conectam e compartilham interesses e características de modo horizontal. A figura abaixo apresenta uma possível representação dessa configuração.

Figura 1: Hierarquia dos polissistemas



Fonte: elaborado pelos autores (2023).

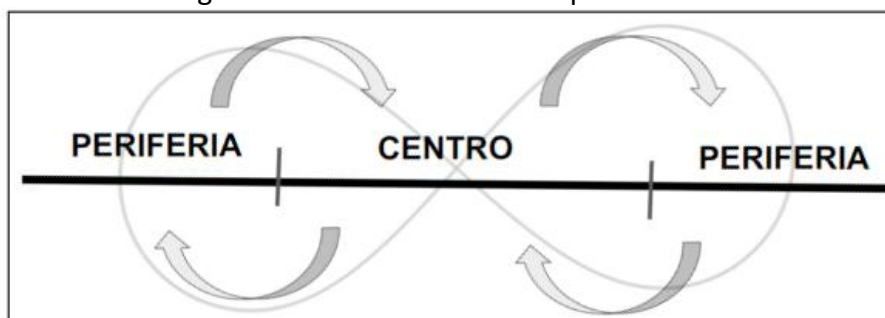
Com base na representação acima, por exemplo, o polissistema cultural brasileiro está inserido no macropolissistema sociocultural humano. O polissistema cultural brasileiro apresenta diversos subsistemas, como o artístico-cultural, o culinário, o religioso, entre outros. Todos eles são, ao mesmo tempo, um sistema independente, porém interligado a essa cadeia sistêmica. Por vezes, um subsistema culinário pode funcionar como um cossistema de

outros dois subsistemas: o artístico-cultural e o religioso. A saber, não comer carne vermelha na Semana Santa, a típica feijoada no feriado dedicado a São Jorge, a farofa de dendê em rituais de religião de matriz africana, entre outros.

Retomando a discussão apresentada no início desta seção, os termos plurissistêmica e polissistema, apesar das semelhanças formais e funcionais, são empregados aqui para fins distintos. Plurissistêmica é a característica dada à UT devido ao seu funcionamento a partir das relações entre diversos sistemas. Já polissistema, refere-se à forma de organização dos fenômenos da vida humana por meio de sistemas.

Em termos gerais, a proposta de Even-Zohar está voltada para os fenômenos concernentes à literatura traduzida. Além disso, não se atém a juízos de valor e está mais interessada em descrever e procurar justificar os porquês em vez de prescrever como algo deve funcionar. Além disso, ressalta-se que os sistemas não são modulares, mas interagem uns com os outros continuamente. A estrutura interna de um polissistema pode ser dividida em centro e periferia. A ocupação dessas posições varia de acordo com as tensões entre inovação e conservação dentro do sistema, tal qual na figura a seguir.

Figura 2: Dinamicidade de um polissistema



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Também adentram nessa discussão, algumas ideias propostas por Gideon Toury, discípulo de Even-Zohar. Os estudos sobre tradução até os anos 1970 mantinham uma postura prescritivista e baseada no texto fonte. Na contramão, Toury (1995), um dos principais expoentes dos Estudos Descritivos da Tradução, considera a tradução um fenômeno exclusivo do sistema meta. Isso não exclui o texto fonte de cena, mas inverte as prioridades. Isto é, a tradução deve estar à disposição dos usuários/fatores desse sistema alvo.

Além disso, também é defendido pelo autor que a tradução funciona por meio de normas, regras, convenções e idiosincrasias que circulam dentro sistema no qual ela está inserida. Esses apontamentos não são exclusivamente de ordem linguística, mas abarcam todo conjunto de ações que regem o comportamento do tradutor.

Tendo em vista a concepção de Toury (1995) acerca de as traduções serem um fenômeno da língua meta, entende-se neste trabalho, que as traduções precisam funcionar de acordo com as condições estabelecidas na cultura na qual está sendo recebida. Apesar de haver alguns pontos dissonantes em relação ao papel do texto fonte nas reflexões de Toury e expoentes das teorias funcionalistas da tradução, adota-se também nesta investigação algumas considerações propostas por Reiss e Vermeer (1996) e Nord (2001) acerca da tradução. Esses pontos dissonantes não invalidam o diálogo entre essas abordagens, já que a Teoria dos Polissistemas e os Estudos Descritivos da Tradução não deixam de ser teorias funcionalistas, em certa medida.

Reiss e Vermeer (1996 e outros), baseados na Teoria dos Escopos, defendem que toda tradução desempenha uma função específica, para um público específico e que essa atividade está cerceada por questões culturais específicas. A cultura não pode ser encarada de forma consuetudinária, mas como uma estrutura profunda. Na mesma linha, Nord (1991 e 2001), compreende que toda tradução emerge de/para uma situação comunicativa, o que implica considerar o contexto discursivo-pragmático de produção dessa situação. Além disso, há que se levar em consideração que a função de uma tradução gira em torno da sua prospecção, isto é, das condições expostas no sistema que a recebe.

São tomadas, ainda, algumas proposições advindas da Sociologia da Tradução. A sociologia da tradução aponta o tradutor como centro de toda atividade tradutória e compreende que a tradução é uma prática social que envolve agentes e instituições (Chesterman, 2014). Tendo por base o ramo descritivo dos Estudos da Tradução proposto por James Holmes, Chesterman (2014) destaca que no tocante ao processo, os estudos sociológicos da tradução tomam como ponto de partida as diversas operações cognitivas que ocorrem na mente do tradutor e que são refletidas na tradução. Sobre isso, agregam-se as ideias de Bybee (2010) acerca dos processos cognitivos de domínio geral.

Bybee (2010) apresenta alguns processos que ocorrem na mente humana e que atuam em diversas instâncias da vida, inclusive na linguagem. Dos processos apresentados pela autora, quatro interessam para este trabalho, que são: (i) memória enriquecida, que refere-se à capacidade refinada de armazenamento da experiência, seja ela linguística ou não, do ser humano; (ii) analogização, que, em suma, é a criação de novos itens com base enunciados já armazenados na cognição do falante; (iii) *chunking*, que é a junção de unidades menores para formar um todo significativo e não composicional e, por fim, (iv) categorização, que é a capacidade de ignorar as diferenças entre entidades e agrupá-las por similaridade.

Voltando um pouco na definição de UT, Diniz (2022) assume que a UT pode ser entendida como uma construção gramatical. Goldberg (1995) define construção como a unidade de análise da língua, sendo esta composta pelo pareamento convencionalizado entre forma e função. Do lado da forma, encontram-se os constituintes fonológicos, morfológicos e sintáticos e, do lado da função, os constituintes semânticos, pragmáticos e discursivos.

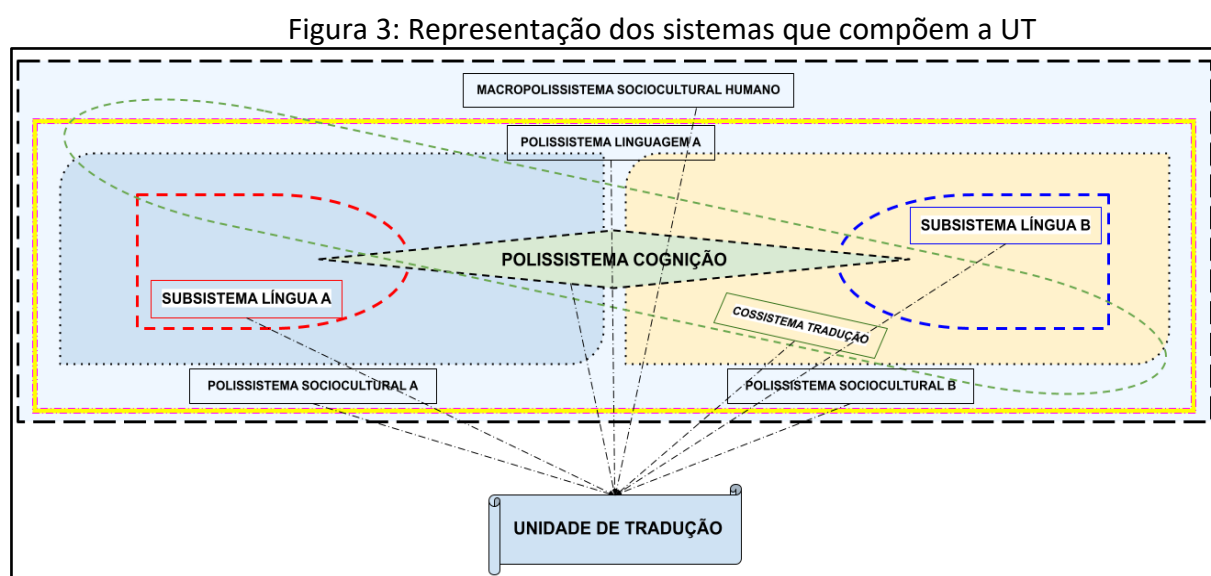
A construção gramatical apresenta as seguintes propriedades, de acordo com Traugott e Trousdale (2013): esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade se refere à constituição, por meio da abstração, de relações taxonômicas, numa rede hierárquica. Produtividade está ligada à extensibilidade de uma construção e composicionalidade refere-se ao maior ou menor grau de transparência do elo entre a forma e a função. Essas propriedades serão melhor explicitadas a partir dos dados analisados.

Por fim, insere-se nesse referencial teórico o conceito de diassistema exposto em Höder (2012), que entende que a cognição humana abarca em um único sistema (denominado por ele “diassistema”), todas as línguas e suas variantes que um indivíduo domina. O repertório de construções que compõe as línguas é denominado de “constructicon”. É defendido pelo autor que, ora construções são compartilhadas entre diversas línguas (diaconstruções), ora são específicas de uma ou outra língua (idioconstruções).

A partir dessas considerações, apresentam-se a seguir, os múltiplos contextos que justificam a condição plurissistêmica da UT, ressaltando o papel da consiliência proposto em Chesterman (2007), como condutor interdisciplinar que une as diversas ideias, de diferentes campos do conhecimento, aqui apresentados.

2.1 Os componentes plurissistêmicos da UT

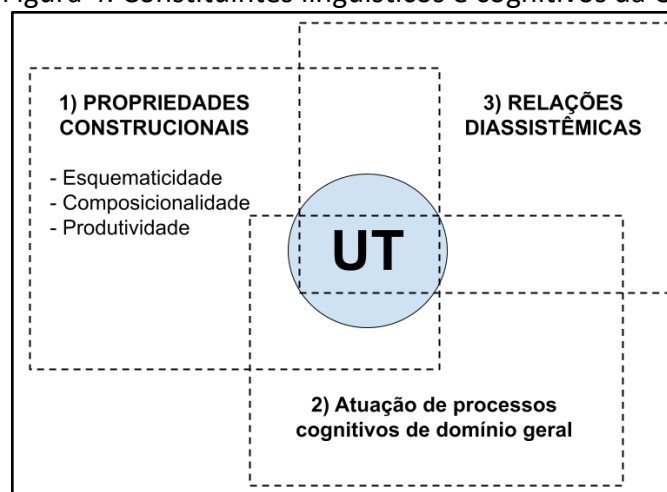
Baseado no referencial teórico apresentado, compreende-se a UT a partir dos seguintes fatores: (i) a tradução é um cossistema, fruto das relações entre os sistemas linguagem, sociedade e cognição; (ii) a tradução, apesar de não desconsiderar o texto fonte, está centrada em atender as demandas do sistema meta; (iii) o tradutor, fruto e operante em todos os demais sistemas, é o canal central da atividade tradutória, um indivíduo biopsicossocial, moldado por valores, convicções, ideologias e crenças e (iv) a UT é um subsistema do sistema tradução. A figura abaixo sintetiza esta explanação.



Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Ao compreender a linguagem como um polissistema, sugere-se que a língua é um dos seus subsistemas. O funcionamento da lingua(gem) humana é motivado pela cognição, entendida neste trabalho como um outro polissistema. Assim sendo, língua e cognição como um dos componentes que intervêm na atividade tradutória, possui as seguintes características que devem ser analisadas numa concepção plurissistêmica de UT:

Figura 4: Constituintes linguísticos e cognitivos da UT



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

De acordo com a ilustração acima, UTs estão contidas em um contexto multilíngue e o tradutor ao analisar ou exercer a prática tradutória, deve se atentar a esses três aspectos. Desse modo, é possível perceber a adequação de determinada seleção lexical, ante as propriedades construcionais de determinado item em dado contexto discursivo-pragmático. Em todo tempo, há intervenção de processos cognitivos de domínio geral, que influenciam os usuários da língua a selecionarem itens em contextos específicos de uso. Por fim, a especificidade ou partilha de uma construção desencadeia formulações específicas na sentença.

3 Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, em primeira instância, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca da concepção teórica dos Polissistemas e outras algumas fontes dos Estudos da Linguagem que discutam a relação entre linguagem e sistema. Foram consultados textos seminais desta temática, além da própria dissertação de mestrado do autor deste trabalho monográfico.

Com o intuito de ratificar os objetivos desta pesquisa, os dados analisados compõem parte da dissertação de mestrado de Diniz (2022), que estudou traduções da libras para o português escrito. Por meio de uma investigação ad hoc, o autor analisou diversos vídeos enquadrados no gênero jornalístico entrevista, visto a possibilidade de haver uma produção

espontânea da língua. Aqui, foi selecionada uma única construção, [COMUNICAR-NÃO] e suas ocorrências do texto traduzido.

A partir das ocorrências elencadas, foram aplicados os conceitos expostos no referencial teórico supracitado, como a posição sistêmica de agentes e elementos envolvidos no processo de tradução, propriedades construcionais (esquematicidade, produtividade e composicionalidade) e a atuação de processos cognitivos de domínio geral.

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, já que, majoritariamente, lida com dados narrativos e de cunho bibliográfico. Apresenta caráter aplicado, empírico e descritivo-exploratório, tendo em vista a intenção de descrever a condição polissistêmica da UT e seus diversos atravessamentos para a atividade tradutória.

4 Resultados

Para aplicar a proposta de UT apresentada neste trabalho, analisou-se uma única construção em libras [COMUNICAR-NÃO⁶] e suas possíveis traduções para o português brasileiro (daqui em diante, PB) na modalidade escrita. O contexto de produção do qual a construção foi retirada, é a extinta TV INES, projeto desenvolvido pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) em parceria com a antiga Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP). Esse projeto tinha por objetivo produzir e traduzir conteúdos em libras, nas áreas de educação, saúde, esporte, lazer, entretenimento e outros.

Ressalta-se que as instâncias de uso dessa construção foram produzidas em libras por pessoas surdas e traduzidas para o PB escrito por pessoas ouvintes. Esses textos traduzidos foram retirados das legendas dos vídeos. O quadro abaixo, elenca as nove ocorrências das traduções dessa construção:

⁶ A construção [COMUNICAR-NÃO], em libras, pode ser visualizada no seguinte link: <https://youtu.be/66OUaSS_uFo>. Acesso em: 13/08/2025.

Quadro 2: Traduções de [COMUNICAR-NÃO] retiradas da TV INES

Venci alguns adversários, mas existia um bloqueio de comunicação .
Não chegava a ser um bloqueio de comunicação .
Por ser surdo, a comunicação era difícil .
Comecei a ter aulas com o professor, mas o problema do bloqueio de comunicação atrapalhou.
O problema é o bloqueio na comunicação por eu ser surdo e ele não saber a Língua de Sinais.
Tive muitas barreiras linguísticas por causa do português(...)
Já aconteceu de eu ir a um salão, ter uma falha na comunicação e estragarem o meu cabelo...
Tive bloqueio de comunicação com os ouvintes.
Eu tinha muitos problemas com a falta de comunicação . Tentava usar outros tipos de recursos como escrever no papel ou no e-mail.

Fonte: adaptado de Diniz (2022).

No quadro acima, é possível notar que a tradução mais frequente para [COMUNICAR-NÃO] é “bloqueio de comunicação”. Apesar disso, há que se observar que as situações discursivo-pragmáticas desses itens, apresentam contextos de usos específicos. De acordo com Diniz (2022, p. 100):

a ideia que [COMUNICAR-NÃO] carrega, é justamente pelo fato de o entrevistado ser surdo e usuário de libras, enquanto seus interlocutores são ouvintes, usuários de PB (falado ou escrito) e não saberem libras. Essa é uma situação na qual a comunicação efetiva não pode ser estabelecida. Ambos podem se comunicar, mas não um com o outro em situações como essa. (...) “bloqueio de comunicação” é um item plenamente gramatical e possível em PB. Mas, possivelmente, há certas restrições que devem ser consideradas, como por exemplo, o uso menos provável desse item em situações nas quais os interlocutores não tenham uma língua em comum.

Diante do exposto, a análise a seguir está pautada nos princípios que configuram a UT numa perspectiva plurissistêmica, isto é, considerando a convergência entre os sistemas sociocultural, de linguagem e cognitivo. Anteposto a essa discussão, há que se considerar que, do ponto de vista dos sistemas biológicos, pessoas surdas e ouvintes apresentam condições sensoriais distintas, o que reverbera na sua atuação enquanto sujeitos sociais.

Apesar de estarem geograficamente situados no mesmo território, pessoas surdas fazem parte de uma comunidade etnolinguística diferente da população majoritária brasileira. Este marcador social contribui para diferentes relações que podem influenciar no texto traduzido. Por exemplo, a surdez quando é vista por um viés exclusivamente clínico, enquadra pessoas surdas numa posição sistêmica de inferioridade em relação a pessoas ouvintes. Este

estereótipo de inferioridade reverbera na forma como essas pessoas utilizam a linguagem. Logo, o PB como segunda língua utilizado por surdos, acaba sendo uma justificativa para que o texto traduzido apresente construções que, a priori, não seriam utilizadas por pessoas ouvintes usuárias de PB padrão em situações de uso espontâneo da língua.

Ainda, pessoas ouvintes, em situações cotidianas, dificilmente estarão em uma posição de exclusão linguística⁷. Essa situação é oposta para pessoas surdas, as quais, dificilmente, estarão em ambientes linguísticos nos quais a libras circula. Deste modo, valor, intenção e experiência influenciam as escolhas tradutórias, o que pode contribuir para uma menor acurácia e reflexão acerca dos itens selecionados no texto traduzido.

Essas situações implicam em (des)prestígio linguístico e social, bem como na subalternidade da comunidade surda e todos os demais artefatos culturais vinculados a esse grupo. Em suma, traduzimos o que somos ou fomos construídos para ser e não é possível desvincular o tradutor da tradução e todos os demais agentes e elementos que circundam essa atividade.

Retomando as ideias de Even-Zohar (1990), o polissistema sociocultural brasileiro abarca diversos grupos sociais. Na situação apresentada, o centro desse sistema é composto por usuários de PB como língua materna e ouvintes (sem considerar outros fatores de etnia, classe, gênero e afins). Na periferia estão os grupos minorizados, como imigrantes, indígenas e quilombolas e, mais periférico ainda, estão surdos usuários de libras, visto a modalidade de produção e recepção de sua língua. As comunidades que ocupam esse polissistema, são em si sistemas próprios com regras e valores específicos.

Em termos de linguagem, no diassistema do TILP, as construções que são mais repetidas e compartilhadas com maior frequência, tendem a ocupar uma posição mais central, visto o recrutamento desses itens ser menos dispendioso cognitivamente. Além disso, construções que são compartilhadas tanto em libras quanto em português - sejam construções mais lexicais, como [FLOR, PAPEL, COZINHAR], sejam construções mais sintáticas, como as que seguem uma ordem sintática mais canônica, tipo sujeito + verbo + objeto), tendem a apresentar uma equivalência mais direta na tradução.

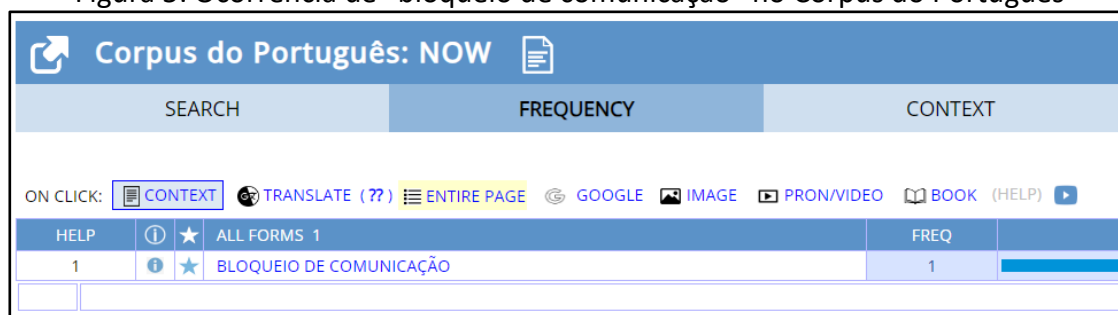
⁷ Este trecho não se aplica às comunidades linguísticas minorizadas, como imigrantes e indígenas. Trata-se de uma generalização aos usuários da língua majoritária do país.

Observa-se que a manifestação fonológica de [COMUNICAR-NÃO] é idiossincrática e que não há, a princípio, uma equivalência direta com algum item em PB. Isso se dá devido a possibilidade dos itens [COMUNICAR] e [NÃO] serem produzidos a partir de um único sinal, o que não é possível, em termos fonético-articulatórios, em PB e em nenhuma outra língua de modalidade vocal-auditiva, já que não é possível pronunciar duas palavras simultaneamente.

Essa especificidade, no contexto da tradução, leva o tradutor a buscar alternativas que mais se assemelhem às características de [COMUNICAR-NÃO], isto é, há que se encontrar na língua meta (neste caso, o PB), um item ou um conjunto de itens que satisfaça as especificidades comunicativas da construção em voga. Em um primeiro momento, pode-se inferir que “bloqueio de comunicação” é um candidato possível, visto, em parte, a manutenção morfofonológica de [COMUNICAR] e o emprego funcional de uma característica de negação, por meio da palavra “bloqueio”. Contudo, uma breve pesquisa de frequência demonstra que esta não é a melhor opção em termos de uso.

Tendo por base o critério construcional produtividade e o Corpus do Português NOW (2012-2019), constata-se que a entrada “bloqueio de comunicação” retorna apenas uma ocorrência, que é: “À exceção de o bloqueio de comunicação dentro de os presídios...”, como pode ser visto na figura abaixo:

Figura 5: Ocorrência de “bloqueio de comunicação” no Corpus do Português



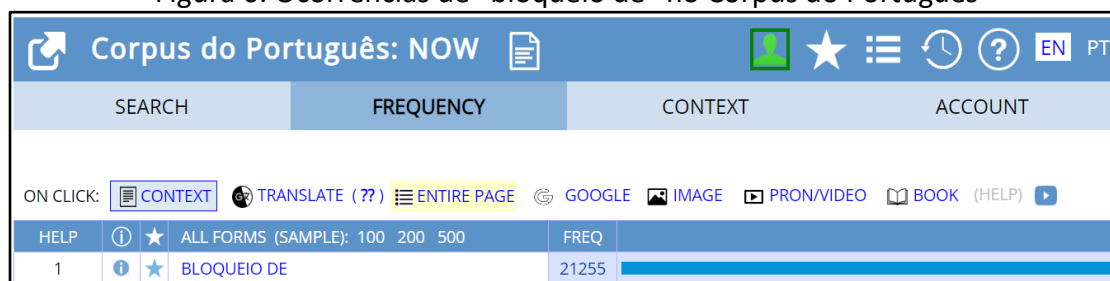
Corpus do Português: NOW			
SEARCH		FREQUENCY	
ON CLICK: CONTEXT TRANSLATE (??) ENTIRE PAGE GOOGLE IMAGE PRON/VIDEO BOOK (HELP)			
HELP	ALL FORMS 1	FREQ	
1	BLOQUEIO DE COMUNICAÇÃO	1	

Fonte: Corpus do Português - NOW (2023).

Essa ocorrência demonstra que, no sistema meta, o uso de “bloqueio de comunicação” está voltado para situações em que há a interrupção das linhas de transmissão via dispositivo digital. Essa constatação não é prescritiva e, tampouco, se quer afirmar que a pesquisa com corpora é decisiva para o uso ou não de determinado item. Este processo é apenas uma possibilidade de verificação de aceitabilidade.

Por outro lado, ainda em termos de frequência, no mesmo corpus, ao inserir a entrada “bloqueio de”, são apresentadas 21.255 ocorrências, como indicado na figura a seguir:

Figura 6: Ocorrências de “bloqueio de” no Corpus do Português



Fonte: Fonte: Corpus do Português - NOW (2023)

Essas ocorrências trazem, por exemplo, as seguintes opções: bloqueio de dezenas de bilhões de dólares, bloqueio das negociações, bloqueio de vias de comunicação, bloqueio da ponte, entre diversas outras opções. Isso sugere que, no sistema meta, há uma construção cuja esquematicidade é [bloqueio de X] e que para esse slot X são atraídos diversos itens, porém “comunicação” não é o mais adequado e produtivo.

Ainda em termos de sistema voltado à linguagem, o critério composicionalidade deve ser levado em consideração. No sistema meta, [COMUNICAR-NÃO] apresenta alta composicionalidade, ou seja, há uma aglutinação de [COMUNICAR] e [NÃO], a ponto de serem materializados por meio de um único sinal, o que o torna menos analisável em partes. No sistema meta, como não é possível identificar um correspondente direto, dificilmente haveria o recrutamento de um item com as mesmas propriedades construcionais.

No tocante ao sistema cognitivo, em todo processo tradutório identifica-se a atuação de processos cognitivos de domínio geral. Para a análise deste item, destacam-se: (i) memória enriquecida, mecanismo que faz o tradutor recorrer a elementos já armazenados em seu constructicon; (ii) analogização, processo por meio do qual o tradutor realiza analogias a fim de encontrar correspondências; (iii) categorização, processo que permite a criação de categorias, como por exemplo, tipos específicos de itens que podem ser utilizados em determinados slots e (iv) chunking, atividade cognitiva que permite a junção de itens em unidades menores, a fim de formar um todo significativo, como [COMUNICAR-NÃO].

Essa análise não tem por fim averiguar a qualidade da tradução ou apontar “erros”. Contudo, considerar a característica plurissistêmica da UT traz à tona toda conjuntura sociocultural, linguística e cognitiva imbricada na atividade tradutória. Por fim, destaca-se que toda essa operação só é possível mediante a figura do tradutor, que operacionaliza, amolda e imprime-se em textos que satisfaçam as necessidades comunicativas do sistema meta.

5 Considerações finais

A UT como subsistema do polissistema tradução é atravessada por questões socioculturais, cognitivas e de linguagem. Cada uma dessas questões é um polissistema em si. Desse modo, pautar a UT sob um viés plurissistêmico contribui tanto para a análise de traduções quanto para a prática em si. Além disso, devido ao seu caráter funcionalista, pode ser um aliado na formação de tradutores e intérpretes.

Essa concepção permite uma investigação indutiva da atividade tradutória, partindo de fatos e fenômenos menores à complexidade sistêmica. Logo, uma análise poli e plurissistêmica exige que o tradutor se desloque de seu próprio contexto, a fim de ampliar suas percepções e concepções acerca dos diversos sistemas que o cerca e, assim, modifique-os ou amolde-se a eles.

Foi possível constatar também, que a frequência de ocorrência de determinado padrão no texto traduzido não é, por regra, diretamente equivalente à posição que esta construção ocupa no constructicon do TILP. Em outras palavras, por mais que “bloqueio de comunicação” em português, no corpus analisado seja o item mais frequente para a construção [COMUNICAR-NÃO] em libras, o posicionamento sistêmico dessas construções indica que é necessário analisar outros critérios, para além da frequência, a fim de que as escolhas tradutórias satisfaçam as expectativas esperadas no sistema meta.

Por fim, como proposto na hipótese deste trabalho, elementos centrais, como as diaconstruções, tendem a exigir menor esforço cognitivo durante a atividade tradutória, conseqüentemente, maior convergência. Por outro lado, idioconstruções, por serem mais periféricas, tendem a ir na direção oposta, exigindo maior esforço para a seleção de itens e reorganização do texto na língua e cultura metas.

Referências

BAKER, M; SALDANHA, G (ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 2. ed. New York: Routledge, 2009.

BENNET, P. **The Translation Unit in Human and Machine**. John Benjamins Publishing Company Amsterdam/Philadelphia, 1994.

BYBBE, J. **Language, Usage and Cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

CHESTERMAN, A. Bridge concepts in translation sociology. In: WOLF, M; FUKARI, A. (ed.). **Constructing a Sociology of Translation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 171-183.

CHESTERMAN, A. O nome e a natureza dos Estudos do Tradutor. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 143-167, ago. 2014. Traduzido por: Patrícia Rodrigues Costa e Rodrigo D'Avila Braga Silva.

DINIZ, R. S. **Contato linguístico em traduções da libras para o português escrito: análise, descrição e funcionamento do *constructicon* multilíngue**. 2022. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras e Linguística - Estudos Linguísticos, Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

EVEN-ZOHAR, I. **Polysystem Studies**. 1. ed. V.11. Durham: Duke University Press, 1990. 262 p. (POETICS TODAY: International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication). Acesso em: 12 jun. 2023.

GOLDBERG, A E.. **Constructions at Work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006. 289 p.

HÖDER, S. **Constructing diasystems: grammatical organisation in bilingual groups**. In: ÅFARLI, Tor A.; MÆHLUM, Brit (ed.). *The Sociolinguistics of Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 137-152. (Studies in Language Companion Series).

LIVBJERG, I; MEES, I M. Patterns of Dictionary Use in Non-domain-specific Translation. In: Fábio Alves (ed.) **Triangulating Translation. Perspectives in Process Oriented Research**. John Benjamins Publishing, Amsterdam/ Philadelphia, 2003.

MALMKJAER, K. **Review of Translation and Relevance by EA Gutt**. *Mind and Language*, 1992.

NORD, C. **Text analysis in Translation: theory, methodology and didactic application of a model of translation-oriented text analysis**. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1991.

NORD, C. **Translating as a Purposeful Activity – Functionalism Approaches Explained**. St. Jerome Publishing: Manchester, UK & Northampton MA, 2001.

PORTUGUÊS, Corpus do. **Corpus do Português: NOW**. 2023. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

REISS, K.; VERMEER, H.J. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Tradução de Sandra García Reina e Celia Martín de León. Madrid: Ediciones Akal, 1996. 206 p.

SINAL DE COMUNICAR | NÃO COMUNICAR EM LIBRAS. Direção de Carlos Cristian. Belo Horizonte: **Sinais Diários de Libras**, 2020. (140 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=66OUaSS_uFo. Acesso em: 27 jun. 2023.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. John Benjamin Publishing. Amsterdam/Philadelphia, 1995.

TRAUGOTT, E Closs; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013. 299 p.

VINAY, J; DARBELNET, J. **Comparative stylistics of French and English. A methodology for translation**. John Benjamins Publishing Company Amsterdam/ Philadelphia, 1995.